

**Grupo de Iniciação Científica orientado pela Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira (PNPD - CAPES/PPGTP-UFRJ), que reúne graduandos da UFF e UFRJ<sup>1</sup>.**

No dia 18/08/2020 recebemos a visita da Profa. Tania Coelho dos Santos (CNPq - Nível 1C/PPGTP-UFRJ).

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE LUTO E MELANCOLIA (FREUD, 1917[1915])**

*Anotações de entrada, a partir das falas iniciais:* Os professores experientes fazem cálculos de dúvidas sobre artigos como esse. As dificuldades em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]) se dão por sua posição entre dois momentos da obra freudiana. Considero esse artigo como desdobramento de “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914) e ponto intermediário para “O Eu e o Isso” (Freud, 1923). No primeiro, Freud parte de um ponto em que propõe, a partir da diferença sexual, que o Eu se relaciona com objetos “sexuais” – diferentes do Eu. Já as diferenças entre psicose e neurose serão elaboradas nos textos “Neurose e psicose” (Freud, 1924[1923]) e “A perda da realidade na neurose e na psicose” (Freud, 1924), que não serão bem compreendidos sem um estudo sistemático dos trabalhos anteriores.

#### **ITEM 1 - Voltando ao Narcisismo: a autoconservação e o sexual.**

*Tania Coelho dos Santos:* Pretendo aqui evidenciar as conexões entre um ponto e outro ponto. Então, de onde eu parto no texto do narcisismo? Eu parto da diferença que ele propõe entre o germoplasma e o somatoplasma. Ou seja, entre o Eu – e seus interesses de autopreservação, de preservação da sua individualidade – e os interesses do germoplasma, que é algo como os gametas, que todo corpo contém, que representam os interesses da espécie. Então é como se todo corpo biológico fosse atravessado por essa polaridade, uma dualidade de interesses: um interesse de conservação de si próprio e um interesse de conservação da espécie. Eu parto daí porque é preciso que a gente compreenda que, quando Freud formulou a questão do narcisismo, a teoria do narcisismo, ele estava completamente imerso numa leitura biológica do ser humano. Então ele acreditava que o ser humano, como qualquer outro animal, fosse estruturado a partir da lógica da sobrevivência. Ele existe para lutar pela vida. Porém ele carrega em si mesmo um interesse que é diverso da sua autopreservação, que é o interesse de preservar a espécie, reproduzir a espécie – o interesse sexual.

Bem, essa questão da sexualidade... Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905) ele descortinou a complexidade do que se entende por sexual na espécie humana. Porque,

---

<sup>1</sup> Transcrição de Angelo Costa (Graduando da UFF). Revisão de Beatriz Junqueira (Graduanda da UFRJ) e de Gabriel Galliza (Graduando da UFF). Revisão final da Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira.

enquanto que os animais vêm ao mundo bonitamente organizados, por um ciclo instintivo que se cumpre de maneira repetitiva, ritualizada, sempre idêntica, de modo que o interesse de preservação da espécie, no animal, já vem regulamentado – os animais sabem o que fazer para atender a essa exigência que os habita, não só conservar a si próprio, mas também reproduzir a espécie – o que é desconcertante no ser humano, e por isso ele começa pelo estudo das perversões, nos “Três ensaios”, é que essa aptidão natural para uma sexualidade instintivamente orientada para a reprodução não se apresenta dessa forma desde o início. Ao contrário, se a gente observa os casos, havia fetichismo, necrofilia e todo tipo de perversão que a gente quiser. É inquietante perceber variações no comportamento desse jeito. Eles achavam que a maioria da espécie humana nascia normal e com a sua constituição sexual íntegra e destinada a, na vida adulta, desabrochar através de um comportamento sexual adequado e orientado para a reprodução. E que alguns indivíduos, por razões que seria preciso examinar caso a caso, se perdiam nesse caminho. E, bem, a hipótese mais forte era a hipótese da degeneração. A degenerescência era a hipótese dominante na psiquiatria até que Freud, com a descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil, lança uma nova luz sobre esse problema.

Na medida em que ele vai fazer a hipótese de que a sexualidade comparece, num primeiro tempo, através de manifestações que não são genitalizadas, adultizadas, orientadas para a reprodução, que não se parecem nem um pouco com o instinto dos animais, mas que se apresenta de forma autoerótica, habitando determinadas regiões específicas do corpo, capazes de despertar um prazer que não serve para nada, que não leva a lugar nenhum. Então a gente pode dizer que essa sexualidade autoerótica parasita a atividade de conservação, ou seja, corre paralelamente à autoconservação. Por exemplo, o aleitamento na fase oral, que vai produzir toda uma satisfação em torno do objeto seio; ou o treinamento esfinteriano que vai orientar o sujeito para uma satisfação com o controle das fezes no intestino – isso provoca prazer e desprazer. Existe prazer na fase oral, na fase anal, genital... Então ***qual é o prazer que parasita a descoberta da diferença sexual?*** Há a comparação da questão da presença e da ausência [...].

Há satisfações que correm em torno dos momentos do desenvolvimento infantil de uma ou outra origem. Lacan acrescentou a esses três estágios identificados por Freud, o olhar e a voz. Sendo a voz o mais primitivo deles, ela se manifesta juntamente com o autoerotismo da fase oral. Então na fase oral temos uma ambiguidade: é o oral da amamentação, da relação com o seio, do sugar, do falar e do ouvir. Assim como na etapa anal a gente tem a satisfação que a criança obtém com o jogo, de prender as fezes, liberar as fezes, mas existe também uma satisfação em torno do olhar. Por dois motivos: por um lado, porque o produto que ela entrega, o presente, que são as fezes que ela libera na hora certa, no vasilho sanitário, e que vão dar muita satisfação para a mãe, demonstram o

quanto a satisfação autoerótica pode vir acompanhada de uma satisfação escópica: “Olha aí! Olha como sou legal, como faço as coisas bem feitas, como sou limpinho, como eu entrego o que tenho de entregar na hora certa”. E por uma segunda razão, que é a de que (pouco antes do treinamento esfinteriano, e aí nós entramos diretamente na questão do narcisismo – então estamos no autoerotismo) em torno de um ano e meio as crianças costumam descobrir o valor de sua imagem em um espelho.

Então elas se apropriam de uma dimensão que está presente desde o início: o desejo do Outro – é a mãe quem deseja o bebê, é o pai quem dá a mãe o bebê que ela deseja, como compensação pela perda fálica, pela diferença sexual. E a criança, nesse momento, descobre na sua imagem no espelho, ela realiza que é “sua majestade, o bebê”. Por isso a reação de júbilo diante do espelho, que geralmente é acompanhada pelas manifestações de satisfação do adulto, que diz: “Olha que lindinho! É você! É o neném no espelho! É fulaninho!”. Bom, essa experiência escópica, no plano do olhar, essa satisfação com a imagem que a criança contempla, de si própria, no espelho vai lhe proporcionar uma coisa que ela não tem desde o início. No início, o corpo dela é experimentado como fragmentado. É o corpo que lhe proporciona uma satisfação autoerótica e que nunca é uma satisfação unificada, é uma satisfação fragmentada – a satisfação com as diferentes zonas erógenas do corpo. Já a imagem vai trazer uma coisa inteiramente nova, que é a experiência de que você tem um corpo inteiro, que esse corpo inteiro é objeto de admiração e satisfação para um outro que olha, vê, comenta e atribui valor a esse objeto que é visto. Para a criança trata-se de adquirir uma satisfação nova, que é a de se perceber como um corpo unificado.

## **ITEM 2 – Qual é a nova ação psíquica? Identificação narcísica / primária.**

Então Freud vai dizer, no início do texto do Narcisismo, “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o início”. Porque o que existe é o autoerotismo, e o texto dos “Três ensaios” é um texto de exploração da dimensão autoerótica da sexualidade infantil. Assim como não existe corpo unificado, não existe experiência de si unificada – existe experiência de si fragmentada. Então, se a experiência unificada não existe desde o início, vai ser preciso uma nova ação psíquica, que produza como consequência uma representação de si mesmo como unificado. *Que nova ação psíquica é essa?* Bom, é algo que ele deixa na sombra, com a alcunha de narcisismo. Ele se apropria do mito de Narciso para mencionar essencialmente uma atitude de enamoramento que Narciso manifesta quando vê na água do rio a sua imagem refletida. O narcisismo é esse enamoramento da sua imagem. Que vai levar a criança a esquecer da experiência do corpo fragmentado. Essa experiência vai ser recalçada. Ela desaparece e toma o seu lugar uma representação de si consistente, coerente, organizada. Bem, *então qual é a nova ação psíquica?* Então Freud menciona o enamoramento de Narciso por sua imagem

no espelho, mas é Lacan quem vai mostrar que isso na verdade é triangular: existe a criança; existe o espelho – pode não ser o espelho, eu posso estar falando do olhar do outro, onde a imagem da criança se reflete –; mas há também uma terceira dimensão, porque há alguém que diz, é o outro que diz: “Isso é você.” A criança não saberia que aquilo é ela. Então se trata de duas dimensões que se articulam – uma dimensão imaginária – uma imagem; mas também uma dimensão simbólica, um discurso, que diz: “Isto é você. Isso tem valor.” Ou “você é bonito” ou “você é feio”, ou “você é burro” ou “você é inteligente”, ou “você é esperto” ou “você é um demônio”. Enfim, há coisas que são ditas sobre esse Eu em estado nascente.

Então, quando Freud se refere ao Eu como uma unidade que “não existe desde o início”, [para a qual] vai ser preciso uma nova ação psíquica, que ação psíquica é essa? *O nome dessa ação psíquica é identificação. E o que é identificação?* É uma alienação, ou seja, um esquecimento, de que o que você é como sendo, como sempre foi, é um corpo fragmentado; agora você vai acreditar que você é aquilo que o outro diz de você e aquilo que você vê no espelho: uma coisa coerente, uma coisa organizada, mas que vocês vão concordar comigo: com um ano e meio isso não combina com o que a criança realmente é. O corpo dela ainda experimenta um elevado grau de desordem – *essa representação é uma antecipação*. Então *a identificação narcísica antecipa um Eu em vias de advir, um Eu em estado de constituição, um Eu em vias de se constituir. É uma promessa, é uma identificação que se estabelece, muito mais, como uma promessa.*

Assim como no texto dos “Três ensaios”, Freud tem que lidar com uma dualidade, que são os indivíduos que, na idade adulta, se comportam como se soubessem o que fazer com seu corpo, sua sexualidade e são perfeitamente capazes de se identificar como homem, ou como mulher, exatamente como um animal na natureza, e são capazes de se reproduzir. Bem, isso existe, isso funciona, mas ele não se dedica muito a esse assunto, não. Interessa a ele muito mais o que justamente antecede a constituição dos indivíduos que não tomam esse caminho, que não alcançam a *organização genital da libido* e a sexualidade madura, adulta etc. No texto do Narcisismo nós temos um problema que é semelhante, embora ele não seja apresentado de maneira muito clara, não. Quando a gente entra na Parte II, Freud desanda a falar das psicoses, começa falando do problema da perda, da relação entre perda e amor. Ele traz o exemplo do sujeito com dor de dente – diz “uma pessoa com dor de dente é incapaz de amar. Toda libido que ela tem refluí para o dente que dói.” Daí ele vai passar a falar de casos de hipocondria, portanto de pessoas que sentem dores no corpo, mas que não têm uma origem em um transtorno efetivo, em uma doença, são doenças imaginárias. *E na verdade o que interessa a ele é distinguir o destino do investimento libidinal nas neuroses e nas psicoses.* E aí a gente tem um salto monumental. Porque não tem como, a partir do narcisismo, eu explicar como é que algumas

pessoas se organizam a partir de neuroses transferenciais, e porque algumas pessoas descambam no que ele chamou de parafrenias, ou psicoses, ou neuroses narcísicas. Não tem como, ali tem um salto. Falta uma explicação. Tá bem, já entendi que o narcisismo é uma identificação, mas essa identificação explica tudo o que ocorre no campo da identificação? Não, ali tem um salto, assim como o texto dos “Três ensaios” também é um texto todo remendado: ele escreve em 1905, ele remenda em 1910, 1915, 1924, é uma colcha de retalhos. Porque não está colocado para Freud nesse momento que *a primeira identificação narcísica, que vai proporcionar ao sujeito uma imagem do corpo unificada, vai ser profundamente abalada com a descoberta da diferença sexual.*

### ITEM 3 – O traumático encontro com a diferença sexual.

A descoberta da diferença sexual faz um furo nessa imagem unificada de si próprio. Porque vem à tona, através dessa diferença – o que se manifesta, é o corpo fragmentado. Se eu não sou igualzinha a um outro ser humano, isso abre uma brecha, a diferença abre uma brecha, que permite entrever outra coisa: que eu não sou tão inteiro assim, que há alguma coisa que me habita – que é um corpo fragmentado autoerótico, da experiência infantil do corpo. E que se entrevê, quase que se revela, quando o sujeito encontra a diferença sexual. Como a gente sabe disso? Porque as crianças ficam profundamente angustiadas querendo entender o que é aquilo, sem saber o que fazer com aquilo. Se você tem um pênis, você tem medo de perder; se você não tem, você busca explicações para a falta dele – então estamos na experiência da angústia. Então se o narcisismo proporciona um apaziguamento e um sentimento de completude – sou um; a descoberta da diferença sexual vai fraturar essa imagem unificada e vai colocar um desafio para as crianças, que é explicar essa diferença. Vocês sabem que as crianças explicam essa diferença através de uma teoria da castração: a ideia de que as meninas tinham, perderam porque são más, ou as meninas pensam que não têm porque a mãe não lhes deu – deu para os meninos e não deu para elas –; seja lá como for, para os meninos esse privilégio, que é de ter alguma coisa que o outro não tem, passa a ser um inferno porque não há nada pior que o medo de perder. [...]

Ser bem sucedido ou ser aquinhado não é a paz no céu, mas é a perpétua angústia da ameaça de castração. Daí vocês vão perguntar: Mas por que castração? **O que é a castração?** Então o que vou dizer para vocês é uma coisa muito simples: Quer a gente goste ou não, a espécie humana tem uma história cultural, não somos animais selvagens. Ao longo de nossa história, desde a Bíblia Sagrada, construíram-se significações. Nós somos seres de significação. E desde a Bíblia que Deus os criou homem e mulher, desde a Bíblia que existe pecado original, desde a Bíblia que há referências míticas a respeito de porque as coisas são como são – e isso se transmite. **Mas o que é transmitir?** Vocês vão dizer: “É ensinar, a cultura doutrina a gente para pensar que a diferença sexual significa castração”.

Não, infelizmente não é assim, porque a gente poderia ensinar outra coisa e resolver o problema.

[...] Transmissão é isso, [...]. É algo que é do outro e que o sujeito faz seu, através de uma identificação que era inconsciente. A castração é isso, é uma teoria que as crianças inventam por acaso, mas que na verdade somos nós adultos que transmitimos, inconscientemente. Ninguém precisa dizer nada sobre isso. Isso se transmite de geração em geração, isso brota espontaneamente na fala das crianças. Isso não é ensinado porque ensinar envolve um propósito que não [existe]. Não há lembrança de alguém que tenha dito algo, nem há um ensinamento. Mas *o efeito de transmissão se produziu. A transmissão é silenciosa, inconsciente, se dá por canais e caminhos que não conseguimos rastrear facilmente*. Por isso que nós precisamos dos sonhos, dos atos falhos, das trocas de palavra, que são o que vai iluminando nosso caminho em direção àquilo que foi transmitido, mas que o sujeito não tem a menor ideia de como e nem por que.

Então as crianças pensam isso sobre a diferença sexual, acreditam na teoria da castração e por isso atribuem a alguém, a um agente, alguém mais poderoso, essa punição. O pai é o mordomo de todas as histórias – é sempre ele. **Por que o pai?** Ora bolas, uma razão muito simples: se a mãe é desde sempre o objeto causa do desejo, o agente da castração tem de estar em outro lugar. É mais ou menos isso. É uma normal divisão de lugares em um casal parental. Então aparece aí uma diferença nítida entre o papel do pai e o papel da mãe. A mãe é esse objeto do qual a criança deverá se separar, obrigatoriamente, para crescer, primeiro objeto com o qual ela está indiferenciada autoeroticamente, mas que já a partir do narcisismo, graças ao trabalho de identificação ela começa a se separar, e que no momento da descoberta da castração essa separação vai se colocar de forma ainda mais traumática, que é, afinal de contas: você é um menino ou uma menina?

Não basta que o sexo anatômico indique qual é o gênero ao qual você está destinado, é preciso também que você faça uma escolha em identificar-se com o pai ou mãe do seu sexo e tomar o outro como objeto de amor. O que a menina espera do pai? Por que ela abandona a mãe para enamorar-se do pai? Porque ela espera receber dele o objeto substituto, um símbolo do pênis que ela não tem, do falo que ela não tem. E o menino, por sua vez, desenvolve com o pai relações de hostilidade, de rivalidade, que qualquer análise de homem revela. São relações difíceis, de admiração, de identificação, de “quando eu crescer, quero ser igual ao meu pai”, mas também de “quando eu crescer, não quero ser igual ao meu pai”, todo homem diz isso.

Então a ambivalência, a rivalidade, a hostilidade e a admiração são os sentimentos que marcam o laço típico entre um homem e seu pai. Assim como a menina vai herdar, de alguma maneira, o desejo de receber um filho como compensação por alguma coisa que ela não tem, mas também por

um caminho desse desejo, tão diferente do desejo masculino, as mulheres instituem alguma coisa que as caracteriza como mulher, experimentando talvez a vivência de uma potência criativa, de uma potência de gerar, que pode compensá-las identificatoriamente nessa relação com o homem. E, desse modo, a relação entre os sexos se estabelece com base numa diferença, que pode até ser complementar, se por acaso um homem e uma mulher decidem se casar e ter filhos – é um bom contrato, uma boa forma de resolver o problema do narcisismo ferido pela diferença sexual, mas compensado posteriormente por bons arranjos conjugais. Os arranjos conjugais, todos sabem, estão longe de ser maravilhosos e perfeitos, mas quando eles atendem a essa equação inconsciente, é muito interessante a gente observar que não são tão ruins quanto parecem. O ser humano é complexo e pode se ver as voltas com dificuldades muito grandes no relacionamento, muita DR, muito problema de relacionamento, mas é curioso que, em algum nível, há satisfação. E às vezes a satisfação é só essa: contentar essas estruturas tão arcaicas, tão primitivas, e encontrar aí alguma satisfação.

**O caminho regular da neurose: identificação primária, identificação secundária e partilha dos sexos.**

Bem, então, onde eu queria chegar é que, se o indivíduo sai do complexo de castração através dessas identificações sexuadas em jogo no complexo edipiano, que aí o complexo edipiano é a relação com pai e mãe, diferenciada, que deriva da diferença sexual. Então se o complexo edipiano vem proporcionar ao sujeito a oportunidade de uma nova identificação, que é uma identificação ao Ideal do Eu do seu sexo. Bem, agora você não está mais apenas no narcisismo. No narcisismo todos os Eus são iguais. É uma nova ação psíquica que te permite uma identificação com uma imagem de completude valorizada no espelho. Bom, isso é igual para menino, para menina, não distingue. Depois do Complexo de Édipo as identificações são sexuadas, identificação em conformidade com o gênero. Bem, é este tipo de identificação, quando ela se estabelece, quando ela é bem sucedida, que pode levar ao desenvolvimento de uma neurose. *O que é uma neurose?*

Quando você entra na adolescência, em lugar de você eleger um par do outro sexo, mais ou menos da sua idade, jovem, com quem você possa estabelecer uma parceria amorosa, você fica fixado inconscientemente, se você é um menino, na sua mãe; se você é uma menina, no seu pai. São dezenas de casamentos em que uma mulher está ao lado de um homem, mas de fato a pessoa com quem ela é emocionalmente casada é com seu pai. E você encontra homens na mesma situação, em que a relação dominante é uma relação com a mãe que não se extingue, que não muda. Claro que eu estou simplificando as situações, elas são mais complexas, mas elas servem para a gente ter uma ideia do que é a neurose. *O que é a neurose, para o Freud?* É se você retira o investimento libidinal, sexual, de um objeto sexual, viável, um parceiro de verdade, e a sua libido reflui para uma fantasia

inconsciente com seu velho objeto de amor. Que vai ser a mãe do menino ou o pai da menina. Então neurose de transferência é apenas uma explicação de porquê, no dispositivo analítico, na relação com o analista, o sujeito vai repetir essa doença que deriva de ter recuado da vida, desistido de andar para frente, e retornado às ligações libidinais infantis, e se refugiado aí, numa satisfação inconsciente com esses protótipos amorosos infantis – que são pai e mãe.

**Diferença entre neurose e psicose: o que fracassa na psicose? Inconsciente e consciente. O complexo paterno e a língua materna.**

Toda essa explicação é para dizer que é impossível entender um texto como Luto e melancolia, se a gente não compreende que o que fracassa na psicose é justamente a transformação do trauma com a diferença sexual em solução por meio da identificação sexuada. O psicótico, diferentemente do neurótico, diante da explicação de que a diferença sexual é consequência da castração, e que quem efetua a castração é o pai; ele prefere dizer: eu não acredito em pai nenhum. Ele foraclui o Nome-do-Pai, ou seja, ele não se serve de uma explicação para a diferença sexual que é mítica. Ela foi transmitida ao longo da história da espécie humana e ela está aí, como quase tudo que a gente tem. Quer dizer, a gente não para e se pergunta por que senta na cadeira e escreve na mesa. É simples assim. *Toda nossa vida está equipada, está estofada, por hábitos, usos, costumes, objetos, e que nós nunca paramos para explicar porque é assim e não de outro jeito.* Esse equipamento, que é explicar a diferença sexual por meio do Nome-do-Pai, permite às crianças se livrarem definitivamente da relação incestuosa com a mãe e caminhar na direção da diferença sexual, que é o que vai levá-las a uma sexualidade genital na vida adulta. Quando o psicótico rejeita [abole] essa explicação, a libido, no lugar de ser diferenciada, separada, em identificação com o pai do mesmo sexo e amor por aquele do sexo oposto, ela fica indiferenciada. O outro do psicótico é assexuado. A gente pode dizer que é uma espécie de instância parental primitiva, onde a diferença sexual não conta, ela não funciona, não tem inscrição, não tem simbolização, porque o que nos permite simbolizar a diferença sexual é o Nome-do-Pai. Ele serve para isso, é uma matriz explicativa, o que Freud chamava de Complexo Paterno, é um conjunto de ideias e de significações que fazem parte do patrimônio da espécie humana.

*Uma comparação razoável seria, por exemplo, a língua que a gente fala.* Ou você acolhe a língua que você fala, entre um e dois anos. Ou você rejeita a língua que você fala. Se você rejeita a língua que você fala, com seus significantes e suas significações, você simplesmente não se comunica com ninguém. A língua é um aparelho, um complexo. Você adquire como um todo, não escolhe qual parte da língua você vai participar e qual parte você não quer. Você simplesmente entra no código e se torna um sujeito, por exemplo, falante da língua portuguesa ou de qualquer outra. E a partir desse momento você adquire uma herança – de novo, hereditariedade simbólica, dívida simbólica. Agora,

a gente sabe muito bem que autistas rejeitam entrar na língua, entrar no código. Eles manejam sons e significações autoeróticos, que não se prestam a comunicação, eles não se comunicam. O que eles tiram da língua não é o aparelho inteiro, pronto para funcionar. Eles tomam partes, fragmentos, e usam isso ao seu bel prazer. Então eles falam uma língua que só eles entendem, não é compartilhada, e para chegar a acessar esses indivíduos é preciso um considerável trabalho terapêutico. É uma missão, porque eles se tornam inacessíveis. Um psicótico não é um autista, porque um psicótico adquiriu a língua, adquiriu o código. Um psicótico entrou no narcisismo, ele fez essa identificação, que lhe proporciona um Eu unificado. Ele está devidamente identificado a este primeiro outro que ainda não é um outro sexuado, mas que lhe proporciona uma imagem unificada de si mesmo. O problema é que ele não avança para além do complexo de castração, ele recua. Ele recua, ele rejeita, aparelhar a diferença sexual com o complexo paterno. Que é um mito, mas é um mito civilizatório, é um mito que nos permite organizar nossas significações e, a partir daí, poder compartilhar sentidos, sentimentos, ideias, e percepções com outras pessoas. Se não a gente fica isolado, a gente não participa da língua que todo mundo fala. É isso, Nome-do-Pai, complexo de castração, são a língua que todo mundo fala inconscientemente. [...] Ninguém para e pensa como essas coisas se transmitem. Isso é quase que um milagre, quando acontece, a gente diz, “Uau, isso funciona! Que coisa impressionante!”

*E quando não funciona?* Bom, aí nós temos que nos dedicar a perguntar: *o que foi que não funcionou?* Freud não era, não gostava de tratar de psicóticos, mas, enfim, mesmo assim ele fez um extenso trabalho em cima das memórias do presidente Schreber, um juiz psicótico. E o que de mais precioso ele recolheu é que, aquilo que não é inscrito simbolicamente, o Nome-do-Pai, o não do pai, a explicação por meio do pai, é engraçado, isso retorna para o indivíduo como se fosse real, como se viesse de fora. Então tudo bem, ele não quer saber que o pai é uma explicação que a gente dá para a diferença sexual. É, não quer saber disso, *ele não inscreve o pai como símbolo explicativo da diferença sexual, portador da lei que interdita o incesto*. Porque o que realmente interdita o incesto é a diferença sexual. Senão a gente ficaria lá mamando no peito da mamãe para o resto da vida, como muitos *millennials* hoje, que parecem aprisionados nessa indiferenciação com esse outro primitivo. Então o que Freud observou é que, na medida em que o Schreber não simboliza a castração por meio do Nome-do-Pai, aquilo que ficou abolido, não inscrito, retorna no real como o quê? Ele encontra com um pai para todo lado. Parece aquela história, “assombração sabe para quem aparece”. Toda hora ele encontra um indivíduo que o ameaça, que o persegue, que quer abusar dele sexualmente. Então ele encontra um pai terrível, um pai não simbolizado, um pai que não é pacificador, que não simboliza a castração, a diferença sexual e que não permite civilizar adequadamente esse indivíduo, deixando-o exposto a delírios atrozes. [Na leitura desse caso] é chocante como ele sofre. Ele sofre, o

corpo dele é o corpo fragmentado, um corpo autoerótico, vai aos pedaços, ele está estupefado. Então na falta desse símbolo, de simbolizar a castração e o Nome-do-Pai, eis que ele fica sem defesa diante de um retorno de um pai terrível, persecutório, dilacerante, que vem de fora para dentro.

**Verdrängung (recalcamento); Verleugnung (“desmentido”, com traduções por “rejeição”); e Verwerfung (em Freud, “abolição”; em Lacan, “foraclusão”).**

Bem, então agora a gente pode entrar na Melancolia, no momento que a gente entendeu o que é a foraclusão do Nome-do-Pai – termo de Lacan. O termo que Freud usou no caso Schreber foi “abolição”; e no caso do Homem dos Lobos ele fala em “Verwerfung”, que seria um mecanismo por meio do qual o sujeito não inscreve simbolicamente coisa nenhuma. É como se ele não tivesse noção, não tivesse ideia, nunca tivesse ouvido falar na castração, no Nome-do-Pai, essas ferramentas, esses operadores que, para a maioria dos indivíduos, são como dois e dois igual a quatro. Pois é, o cara não sabe que dois e dois é igual a quatro. Ele não tem inscrição de nada disso, é uma tabula rasa.

*Pergunta 1:* Qual seria a tradução de “Verwerfung”?

*TCS:* Pois é, a gente se habituou à tradução do Lacan, que é “foraclusão do Nome-do-Pai”, mas a gente pode falar em Verdrängung... “Rejeição” é um dos nomes, vocês vão encontrar várias traduções. Nós temos três termos em Freud: Verdrängung (recalcamento); Verleugnung (que eu prefiro “desmentido”, mas vocês vão encontrar “rejeição” como tradução); e Verwerfung (em Freud, seria “abolição”). Quando ele diz Verwerfung, ele já tinha dito muitos anos antes “abolição”, algo é abolido do simbólico, é não inscrito no simbólico. *“Rejeição” é um termo que eu evito por causa da Verleugnung. Grande parte dos autores traduziu Verleugnung por “rejeição”, e aí você já não sabe do que você está falando. Você está falando do mecanismo da perversão ou do mecanismo da psicose?* Então o que eu prefiro é falar de abolição / foraclusão do Nome-do-Pai. Eu não encontro em Freud nenhuma definição tão precisa quanto a definição do Lacan. Independentemente de qualquer coisa, ele [Lacan] trouxe um esclarecimento fundamental para a natureza desse mecanismo e eu vou explicar o porquê e vocês vão ver que faz todo sentido a minha explicação. Vocês provavelmente já ouviram falar disso com a Flávia, mas psicanálise é uma coisa que a gente aprende voltando, aprende remoendo.

*O termo foraclusão é um termo jurídico. Ele significa o não exercício de um direito em tempo.* Então, por exemplo, você acha que você foi lesado em alguma coisa, você tem o direito de fazer uma reivindicação, mas se você não fizer essa reivindicação no prazo, o seu direito é foracluído, ou seja, ele perde a validade. Então o que Lacan nos ensinou é que existe um tempo para que o inconsciente se encarregue de transmitir o Nome-do-Pai como operador simbólico. Esse tempo é até

os seis anos. Ou seja, no decorrer do autoerotismo, narcisismo, complexo de castração, e Complexo de Édipo. São etapas do desenvolvimento infantil. Embora ele não gostasse de uma ideia de psicogênese, de desenvolvimento, ele entendia que isso é uma estrutura, e que ela tem de valer numa determinada época. Enquanto você é criança que a transmissão se dá. Se nesse momento da sua infância... *Por isso que eu falei da importância de como o sujeito vai enfrentar o traumatismo no complexo de castração. Ele vai admitir que a diferença sexual existe e vai simbolizar a existência dessa diferença graças ao mito do Nome-do-Pai?* Bom, se ele fizer isso, ele se salva e *passa a participar das significações que nossa civilização disponibiliza*. Assim como lá atrás, com um ano ou dois, ele teve que decidir se ele ia falar uma língua ou se ele ia ficar no limbo. Então agora, de novo, você vai fazer parte da comunidade dos homens e você vai se servir do direito – o Nome-do-Pai é um direito; ***toda criança tem direito a essa ferramenta simbólica, é um operador; [como] a criança tem o direito a aprender a comer com garfo, faca, colher, não se pode deixar uma criança comendo com a mão. Uma criança tem o direito de aprender a usar o vaso sanitário, mas já tive um paciente que a mãe o deixava fazendo cocô pela casa, então isso existe: um não exercício em tempo de um direito que o indivíduo tem, que é servir-se do Nome-do-Pai como uma explicação para a diferença sexual.*** E, a partir daí, você se organiza intimamente, psicologicamente, na mesma linguagem que as outras pessoas, e as pessoas se entendem sobre isso.

#### **ITEM 4 – Entrando em “Luto e melancolia”: por que indivíduos se autorrecriminam?**

Então eu posso entrar nas dificuldades que eu vejo no texto “Luto e melancolia”, e porque que eu acho desafiante... Rigorosamente falando, Freud analisa um fenômeno clínico que aparece nesse momento, do qual ele vai se ocupar até 1923, em “O Eu e o Isso”. Ele vai ficar falando disso várias vezes. Sobre um texto, por exemplo, como Além do Princípio do Prazer, as pessoas me fazem um monte de perguntas sobre a pulsão de morte, como é a pulsão de morte etc. E eu sempre digo “olha, esse caminho não vai levar a lugar nenhum”. *O problema clínico não é a pulsão de morte, mas sim (1) o sentimento inconsciente de culpa, (2) a necessidade de punição, e (3) a autorrecriminação.* O problema do texto “Luto e melancolia” é: ***por que indivíduos se autorrecriminam?*** Em termos genéricos, primeiro esclarecimento, quem não se autorrecrimina é doido. A autocrítica é consequência da simbolização do Nome-do-Pai. Se você foi capaz de separar-se da sua mãe, se você simbolizou a interdição do incesto – que é a outra face da diferença sexual, de um lado tá aqui a diferença sexual, de outro recalçamento do incesto. A diferença sexual mantém o desejo incestuoso recalçado, você só vai ter direito ao desejo sexuado, o desejo incestuoso tem que ser recalçado. – Se você inscreveu por meio do Nome-do-Pai a proibição do incesto, então você vai viver ameaçado com o retorno desse

desejo, esse desejo não morre, esse desejo retorna, insiste, e você vai reagir a ele recalçando. Consequentemente, você vai se autorrecriminar, se autocriticar. Então a autocrítica não é exatamente disso que se trata. A autocrítica deriva do recalçamento, tem a ver com a dimensão do Supereu – você vai [“ter de ter” - necessariamente ter] uma instância psíquica que vai comentar seu comportamento e vai dizer “olha, desculpa, você tá errado, você tá fazendo coisas que não se faz”. *Para isso você tem uma instância psíquica responsável por comentar o seu comportamento.*

O que Freud examina em “Luto e melancolia” é uma **exacerbação, um adoecimento, um excesso, da dimensão do Supereu. Mas por quê?** Como você constata que é um excesso e que não é simplesmente a autorrecriminação normal? Porque ela não tem nenhuma relação com a realidade. Não se trata de alguém que diz “ai, pisei na bola! Bebi demais ontem” ou “cara, fiquei com aquele cara, eu disse para mim que nunca mais ia fazer isso e olha que eu fui e fiz exatamente a mesma coisa que eu disse que nunca mais ia fazer”. Isso é uma autorrecriminação. O sujeito erra, faz besteira, pisa na bola, e se recrimina. Essa autocrítica é apenas um sinal de que o recalque está mantendo o desejo incestuoso sob repressão. Porque o desejo incestuoso é de não ter nenhum limite, é de alcançar uma satisfação absoluta, sem fresta, sem erro. Enquanto você se recrimina, você se mantém na lâmina da faca da castração. A satisfação a qual você tem direito é uma satisfação possível, não é a satisfação absoluta – o desejo incestuoso fica recalçado. Mas o que é que Freud descobre? Que algumas pessoas parecem estar fazendo autocrítica, mas o que você percebe é que o desejo incestuoso se infiltrou na instância crítica. Que agora o desejo que se manifesta sem freio, de uma forma tirânica, absolutista, excessiva, emana da instância que deveria manter o desejo incestuoso recalçado. Bom, esse é o enigma de como é que uma coisa pode se inverter completamente. Se a função do Ideal do Eu e do Supereu é justamente proibir a sexualidade autoerótica infantil, os excessos do narcisismo, e introduzir o sujeito numa dimensão da identificação civilizada, compartilhável com outros homens, **então como é possível que a consciência moral se torne excessiva ou exacerbada?** Como essa mágica se estabelece?

### **Entre neurose obsessiva e melancolia**

No texto “Luto e melancolia” ele anda uma parte do problema. Qual é a primeira parte do problema? Há dois tipos de pacientes que padecem dessa exacerbação da consciência moral, dessa autorrecriminação excessiva, exagerada, desligada de qualquer falta moral, real, concreta, que pudesse justificar autocrítica. E esses dois quadros são tão semelhantes que no quinto capítulo de “O Eu e o Isso” [1923] ele vai voltar ao assunto: **como é que eu distingo uma neurose obsessiva de uma melancolia?** A neurose obsessiva é uma neurose de transferência. Ou seja, *o neurótico obsessivo é alguém que passou pelo complexo edipiano e estabeleceu as suas identificações, [ele] recontratou o*

*seu narcisismo na linguagem da diferença sexual.* Embora obsessivos, com frequência, pareçam muito narcisistas, na verdade o narcisismo deles está marcado pela castração, está marcado pela diferença sexual. O mesmo não acontece com o melancólico. Porque, na melancolia, diferentemente de tudo que eu expliquei até agora, que é relacionado com o comportamento normal e com o comportamento neurótico dos indivíduos: passar pela castração; fazer uma separação entre objeto de amor e objeto de identificação; identificar-se, com alguém que é do mesmo sexo que você e assim constituir a noção de gênero – a transmissão do gênero – e eleger o que é diferente de você como objeto sexual. *Então você cindiu o objeto, o objeto não é mais incestuoso: o objeto de amor é um e o objeto de identificação é outro.* Mas imaginem que alguém, aterrorizado diante do traumatismo da diferença sexual, não consegue simbolizar essa diferença por meio do mito do pai como agente da castração – que *é o que permite que o recalque propriamente dito se estabeleça em caráter definitivo, isso define uma estrutura, um modo de ser, um modo de estar no mundo.* Em lugar desta operação, o sujeito foraclui (Verwerfung) o Nome-do-Pai e se mantém ou recua para o narcisismo – aquele momento em que a diferença sexual não conta, não vem ao caso.

Essas pessoas, quando recuam para um tipo de identificação mais primitiva, aquém da castração, e procuram se manter aí, elas colocam para a gente a seguinte pergunta: mas então quem é o outro dessa pessoa? Porque o outro das pessoas que atravessaram a castração no Édipo, é um outro diferenciado conforme o sexo. É um outro materno ou um outro paterno. É um outro homem ou mulher. *Mas quem é o outro do indivíduo que recua, que foraclui a função do Nome-do-Pai?* Primeira resposta: este outro é rigorosamente idêntica a ele. Se trata de uma relação homogênea, uma relação igualitária. Eu e o outro somos da mesma natureza, não há diferença. *O que nos diferencia então?* Freud ensaia algumas explicações. O que resta de alteridade entre o sujeito e o outro é muito primitivo, é aquela alteridade que resulta da diferença entre a criança e sua mãe, ou a criança e a instância paterna. *Mas quem é a instância paterna?* É o ideal, é a pátria, são os valores morais. Portanto, é o Supereu, independentemente da diferença sexual.

A gente sabe que o Supereu se enraíza profundamente no campo das pulsões. O Supereu é uma instância muito primitiva, embora a gente só possa falar “o meu Supereu”, “o seu Supereu”, depois do complexo de Édipo. Quando então, na medida em que você tem um Ideal do Eu a atingir, você tem um Supereu que regula o seu caminho e que diz se você está ou não no caminho. Primitivamente, o Supereu é uma instância muito arcaica. Ele praticamente se confunde com a linguagem, com a cultura, com os bens da civilização, num estado em que ainda não foram apropriados e subjetivados por um indivíduo. *O Supereu é, num certo sentido, o patrimônio, patrimônio cultural, nossa herança cultural.* Uma das hipóteses que Freud estabelece é que o

*melancólico é alguém as voltas com este outro muito primitivo – instância parental, antes que pai e mãe se diferenciem como homem e mulher, com funções e papéis distintos. Esse outro é alguém que porta todo patrimônio da cultura e da civilização da criança. E é possível que o mecanismo da melancolia derive (é uma hipótese que ele levanta) de uma decepção primitiva com este outro em instância parental. Então ele não tá falando do outro paterno pós-edipiano, ou edipiano, [mas sim de] uma instância parental que no início é responsável pelos cuidados com a criança. **Em que medida o melancólico poderia ter se decepcionado com essa figura primitiva?***

E aí nós estamos, gente, numa “sinuca de bico”, *porque é possível que essa decepção seja uma consequência do encontro com a diferença sexual. Para alguns indivíduos a diferença sexual é inassimilável, ela é extremamente traumática, ela constitui uma rachadura no seu mundinho belo e perfeito, [que é] intolerável. Eles são capazes de tolerar o outro com a condição de que não entre em jogo a questão sexual. Então essa é... O que eu quis dizer é que essa decepção pode sobrevir simplesmente à descoberta da diferença sexual: o outro não é perfeito, o outro não é tudo, o outro não me completa, o outro não é completo, o outro me decepciona. Muitos textos em psicanálise abordam a questão da melancolia através da decepção com o outro materno originário negligente. “Ah, porque a criança foi negligenciada pela mãe, foi abandonada, não recebeu os cuidados devidos, foi entregue em adoção...” Existe toda uma linhagem de explicação da melancolia nesse sentido. Seja de um modo, seja do outro, existe uma coisa em comum: falta a função de mediação do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é um mediador simbólico, que nos permite tolerar as imperfeições. E a primeira imperfeição que temos de tolerar é a diferença sexual, não somos completos: ou você nasceu homem ou você nasceu mulher, sinto muito – você não tem tudo.*

Então é possível que você fique fantasiando, se você é mulher, de que porque o homem tem um pênis ele é capaz de uma satisfação sexual incrível, que você não é. Tá bom, isso é teu direito, fazer a fantasia de que o corpo do outro é que proporciona uma satisfação maravilhosa. O da mulher não. Ou o contrário, porque tem homem que acha que as mulheres têm acesso a uma satisfação que a do homem é sempre menor. As fantasias nesse terreno são... É livre fantasiar. Todo mundo pode fantasiar com o que quiser. Mas a verdade é que as duas metades da laranja não são uma laranja inteira. E quando tentam fazer uma laranja inteira, geralmente brigam muito e a gente passa a vida experimentando também a dura realidade de que homem e mulher não fazem um, não fazem uma harmônica laranja completa. Então a diferença sexual, o que o Nome-do-Pai vem simbolizar, vem nomear, é essa impossibilidade de recompor o um. Sem essa nomeação o sujeito passa a vida às voltas, por exemplo, com críticas intermináveis a sua mãe, que geralmente vão levar a melancolia, que é uma crítica interminável a si próprio. Se o outro e o sujeito não estão mediados pela função

paterna, que é o que permite dizer: nada é completo, não há satisfação absoluta, é impossível recompor a satisfação incestuosa toda. *O Nome-do-Pai serve para isso, para dizer essa impossibilidade. Se o sujeito não tem essa ferramenta, ele vive às voltas com buscar a completude, seja no outro – um outro maravilhoso, completo, que, claro, que vai decepcioná-lo –, ou em si mesmo. Ou ele não está à altura ou é o outro que não está à altura.*

O que Freud, no texto “Luto e melancolia”, procura esclarecer é: ***como é que a decepção com o outro levou o sujeito a não poder dispensar o outro, separar-se dele; e, ao contrário, vai levá-lo a identificar-se com esse outro e, no lugar de recriminar o outro, ele passará a se recriminar.*** Então a gente tem duas maneiras de se recriminar: uma maneira neurótica, que é a autocrítica, que tem o laço mais preservado com a realidade das nossas falhas e das nossas incompletudes; e o modo psicótico, em que *essa recriminação é baseada, muitas vezes, num equívoco, que é: nenhum outro é completo.* Então essa *decepção com o outro é simplesmente incapacidade de simbolizar que o outro não é completo*, que o outro não é o lugar de todas as virtudes. Quando o sujeito então retira a libido, decepciona com esse outro, desinveste esse outro... Quer dizer, *se ele não sabe que nenhum outro é completo, ele vai tentar ele mesmo preencher esse lugar vazio deixado pelo outro, com o seu Eu.* A libido retorna toda para o Eu, e aí ele é *que vai experimentar os rigores do Supereu*, que vai lhe dizer: “você também não é, você também não está à altura”. E aí *a crítica ao objeto vai se prolongar como crítica ao próprio Eu.*

***Em quê isso é diferente, como doença, como fenômeno clínico, do que se passa, por exemplo, na neurose obsessiva?*** Vocês já devem ter escutado que o neurótico obsessivo costuma ser um sujeito com ideais de moralidade, com extrema tendência ao perfeccionismo em diferentes quadrantes, é alguém a quem tudo causa repugnância. Essa exacerbação das exigências morais na neurose obsessiva, pode parecer com a autorrecriminação do melancólico. Em quê ela é diferente? O obsessivo é um neurótico, ele atravessou a castração e o Édipo, ele constituiu-se a partir da diferença sexual. Entretanto, ele estabeleceu com o próprio pai relações acentuadas de rivalidade, hostilidade e concorrência. Essa hostilidade é recalcada, ele não sabe sobre isso, ele não sabe sobre a natureza da sua relação com o seu pai. De modo que, em lugar da admiração que é um afeto normal, e crítica, todo homem tem críticas ao seu pai, o que estabeleceria uma relação adulta entre um homem adulto e seu pai é ele poder dizer “meu pai é muito admirável, mas tenho severas restrições com relação a isso e aquilo”. Em lugar disso, ele substitui o pai que ele tem, o pai da realidade, a relação com o pai que ele tem, pai de verdade, e se apegua ao pai da fantasia inconsciente infantil. Esse pai é o pai com quem ele se confrontou edipianamente, durante o seu período de formação. E ele prolonga interminavelmente esse enredo lá no inconsciente, esse enredo de rivalidade com o pai. Ou seja, ele

é um pequeno parricida.

Gente, está cheio de gente assim no mundo. Basta vocês se ocuparem de uma função chamada professor, nos dias de hoje, para vocês descobrirem a quantidade de pequenos Édipos às voltas com uma relação “rivalitária” no seu inconsciente, com seu papai. Como o pobre do professor, tal como o analista, se presta a atualizar uma neurose de transferência, dos desejos parricidas infantis para a figura do mestre, você vai estar destinado a comer o pão que o Diabo amassou do fogo do inferno. Você vai ter um aluno permanentemente rivalizando com você, permanentemente tentando mostrar que você não sabe nada. O que nos dias de hoje é muito fácil porque a gente vive numa cultura desconstrucionista, então você reduzir uma figura de autoridade, com todos os lauréis e tudo que essa pobre pessoa acumulou ao longo da vida, à nada, é a coisa mais fácil do mundo, é simples assim.

Então os neuróticos obsessivos são parricidas no seu inconsciente e padecem de um sentimento de culpa persistente, em consequência da hostilidade contra autoridade, da hostilidade contra o pai, que eles alimentam no fundo dos seus seios. Eles costumam ser muito autorrecriminadores. E Freud aconselha a não entrar na deles. Não caia na besteira de mostrar para um obsessivo que não é verdade, que ele é um cara legal, e que, aliás, ele é uma pessoa extremamente cuidadosa com os outros, e que de jeito nenhum ele é um cara hostil – “não sei porque você fala isso, você é a pessoa mais delicada e educada que eu já conheci”. Freud vai dizer “não caia na besteira de entrar nesse papo”, *porque a autorrecriminação não deriva das falhas que ele comete efetivamente na sua vida real. Ela deriva das suas fantasias parricidas inconscientes.* Então você vai ingenuamente conversar com o Ego do sujeito e dizer para ele que “não, muito pelo contrário, você é de longe a pessoa mais cuidadosa e limpinha que conheço”, e vai perder de vista que, do ponto de vista inconsciente, ele é mortalmente parricida, furiosamente parricida. E você vai pagar caro como analista pelo seu erro.

***Então é isso que Freud ensina sobre a diferença entre a autorrecriminação do neurótico obsessivo e a autorrecriminação do melancólico. Um é pós-edípico, se trata de uma neurose de transferência, e no outro caso se trata de uma psicose, mas ele só esclarece isso em 1923, e aqui estamos em 1915.*** Então este texto, “Luto e melancolia”, é uma pedreira. É muito difícil você ler sem as chaves que procedem dos textos posteriores. É por isso que eu aconselho metodologicamente a todo e qualquer estudante de teoria psicanalítica: é preciso saber se servir dos conselhos de Georges Canguilhem, autor de uma epistemologia da ciência que nos ensinou que os começos, os primeiros passos de uma ciência, precisam ser julgados a partir do ponto onde ela chega. Porque, no começo, se diz muita besteira, se faz muita besteira, os começos são confusos. É a partir do ponto onde ele chega que nós podemos retornar e entender um texto como esse. Então não é possível ler “Luto e

melancolia” sem o auxílio de “O Eu e o Isso”. Primeiro, é com “O Eu e o Isso” que você enfia o complexo de Édipo nessa história, que tá faltando. Segundo, é porque no “O Eu e o Isso” que ele esclarece a diferença entre a neurose obsessiva e a melancolia de maneira definitiva. E aí você vê que fica muito mais fácil você se situar quando você tem os finalmentes, onde ele chegou e como é que você vai se servir do ponto onde ele chegou para compreender o ponto onde ele estava.

\*\*\*

### [PERGUNTAS]

*Pergunta 2:* Dá tempo de colocar um breve questionamento que diz respeito às origens do Freud como médico? Me despertou curiosidade, na sua fala, se por acaso Freud chegou a tratar em algum momento do que ele entendia como mecanismo que viabiliza a transmissão, com esses raciocínios que ele faz, em termos de germatoplasma, somatoplasma? Em algum momento ele passou por essa questão de por que vias isso acontece no corpo humano?

*TCS:* A pergunta é muito pertinente, porque nós vamos, então, para o campo da ciência freudiana. Eu trouxe os esclarecimentos sem me preocupar em explicar para vocês que raciocínios científicos embasam todas essas considerações. E certamente um dos problemas fundamentais para compreender todas essas passagens é o enigma da transmissão e das relações entre transmissão e corpo. ***O pensamento freudiano está fundamentado numa tese. Na verdade, trata-se de uma lei, a lei de Haeckel [Teoria da recapitulação]: a ontogênese, o desenvolvimento de cada indivíduo, repete a filogênese, o desenvolvimento da espécie.*** Então cada um de nós está destinado, quer você cumpra ou não seu destino, quer você fracasse, não importa. Mesmo fracassando, você porta em você como potência atravessar as mesmas etapas que constituíram o processo através do qual o homem se tornou civilizado. Você nasce pequeno, dependente do outro, sem estar aparelhado de modo algum – o seu corpo é insuficiente, você não é capaz de se alimentar sozinho, de sobreviver, de cuidar de si mesmo: você depende do outro. Porém, embora você pareça uma tabula rasa, como queriam os empiristas, você não é para Freud uma tabula rasa. *Você é desaparelhado, mas está apto a adquirir. A teoria freudiana, o manejo da lei de Haeckel, lhe proporciona o mesmo equipamento epistemológico que o linguista Noam Chomsky, que diz sobre a linguagem: “Nosso cérebro é o único cérebro, entre os animais, aparelhado para adquirir a linguagem”. Ele não diz que você sabe falar ou que entende algo ao nascer, mas que o seu cérebro é apto a adquirir, bastando que alguém fale com você. A linguagem se transmite porque há um aparelho apto a fazer essa transmissão.*

Para Freud, as etapas que o homem atravessou ao longo do processo civilizatório se repetem cada vez que uma nova criança é introduzida na família humana. Basta que o suporte do outro

civilizador esteja presente, assim como, para adquirir a linguagem, eu preciso de um outro que fale comigo. Porém, o segredo da transmissão – porque ela é possível – não é a educação, o ensino, a doutrinação, mas sim a aptidão. Nos civilizamos porque estamos aptos à, porque a ontogênese repete a filogênese. Porque a cada etapa do seu desenvolvimento, quase que como um milagre, desabrocham determinadas tendências. Assim, a criança vai ser amamentada com sucesso porque ela desabrocha, porque ela desperta o aparelho sugador; o treinamento esfínteriano acontece porque, naquele momento, a criança está apta a adquirir o controle do esfíncter; a aquisição da linguagem. Enfim, cada coisa dessas acompanha ou é despertada pelo outro civilizador diante de um corpo que amadurece para isso. Porque somos uma espécie, e nossa espécie guarda traços e características de nossos antecedentes. Não somos astronautas, mas sim a consequência de uma maturação da espécie que se deu ao longo de milhares e milhares de anos, que foram conformando e consolidando um corpo que tem todo o potencial para adquirir a herança civilizada. Porque a ontogênese repete a filogênese. Então *um texto [como] “Totem e tabu” [1912] é uma tentativa de fabricar uma antropologia para explicar a interdição do incesto, o desejo parricida, a passagem da natureza à cultura, a instauração do processo civilizatório, o sentimento inconsciente de culpa... Pilares da constituição do psiquismo que Freud descobriu pela experiência analítica em diferentes indivíduos neuróticos ou psicóticos.*

\*\*\*

*Pergunta 3:* Uma questão sobre o que você estava falando a respeito do Supereu, quando estava diferenciando a neurose obsessiva da melancolia. Falamos do sujeito melancólico recuando para o narcisismo e sobre a identificação primitiva com um outro idêntico. Você poderia falar sobre como é o Supereu sem passar pela castração, pelo complexo de Édipo? Entendo que falamos de um Supereu mais arcaico, de uma instância primitiva, mas como é falar disso atualmente, na pós-modernidade?

*TCS:* Eu sugiro que você substitua a pós-modernidade por narrativas pós-modernas. Eu cheguei à conclusão que não era muito útil, e trazia muita confusão, falar do tempo que a gente vive como uma época pós-moderna. Você vai dizer que eu vou falar isso por ser muito velha, mas eu sou moderna, e a maioria dos meus pacientes, no consultório, também são. Nós somos assediados por narrativas desconstrucionistas pós-modernas, mas as pessoas continuam praticando nas suas vidas essencialmente os mesmos paradigmas. Depois explico mais isso porque acho que não é o mais importante na sua pergunta.

O Supereu é uma instância que só se estabelece com mais clareza no texto freudiano “O Eu e o Isso” [1923], porque é nesse texto que ele vai dizer que o Supereu corresponde à instância parental primitivamente, o que significa pai e mãe indiferenciados – ou este grande outro da melancolia. Então,

originariamente, o Supereu é uma instância arcaica, primitiva, que se enraíza no Isso, e corresponde a um outro não diferenciado sexualmente. Percebe onde está o ponto? Bem, Freud diz, sobre essa instância que se enraíza *no Isso, é cultura pura de pulsão de morte. O que significa dizer isso?* Significa dizer que ela é pura compulsão à repetição. *Ela é uma máquina cega, de autorrecriação, sentimento de culpa, necessidade de punição... Esse bicho não sossega, isso é uma força demoníaca.*

“*E por que ela é assim?*” Daí temos que ir lá em “Totem e tabu”: [é assim] porque houve um dia em que a família humana primitiva não era ainda constituída com base na lei das trocas simbólicas, mas sim constituída por um conjunto de homens e mulheres submetidos à tirania de um único chefe, que era o dono de todas as mulheres e de todos os bens. Um dia, os filhos assassinaram o pai, todos queriam tomar seu lugar, mas isso é impossível porque eles não puderam matá-lo individualmente, precisaram agir como coletivo, de modo que ninguém podia substituir o pai. Pai morto, pai chorado lamentado, pranteado, remorso. Então os filhos comeram a carne do pai, cada um se identificou com uma parte, cada um recolheu um traço do pai, e o pai foi transformado, foi erigido, exaltado, elevado à dimensão de um totem. *E qual é a função do totem?* É apontar o caminho do ideal, o ideal do pacto civilizatório entre os irmãos, que então combinaram que nunca mais voltariam a praticar um ato assim, um crime assim, e também um tabu. Uma proibição enérgica relacionada com o parricídio e também uma interdição enérgica do incesto.

*Então totem e tabu são as duas dimensões do Supereu depois que ele foi civilizado. Uma dimensão é do campo dos ideais do eu – da vocação civilizatória –, e a outra dimensão, que é mais obscura, está relacionada aos tabus: não matar, não praticar o incesto.* De novo, é a questão 2, a ontogênese repete a filogênese. Todo sujeito vem ao mundo como herdeiro dessa tradição, dessa história, dessa inscrição primordial, que faz de cada um de nós, ao mesmo tempo, um desamparado e um pequeno parricida. Já nascemos criminosos. Acho que essa é a versão freudiana da expulsão do paraíso: comemos a maçã da árvore da ciência do bem e do mal, assassinamos o pai primitivo, e levamos como um pecado original inscrito, profundamente enraizado no nosso Isso, no campo das nossas pulsões, o remorso, a vergonha, o sentimento de culpa. Então a gente nasce com isso. Voltando ao aparelho de linguagem do Noam Chomsky. Graças a esse dispositivo somos civilizáveis, não fosse essa herança filogenética, a nossa ontogênese, ou seja, a história de cada um, não nos permitiria adquirir o patrimônio da civilização. Assim como a gente não sabe quando foi que o homem aprendeu a falar e desenvolveu a linguagem, mas a gente sabe que isso implicou em mudanças cerebrais profundas. E que, graças a elas, é que nós podemos continuar aprendendo a falar. A cada geração, continuamos aprendendo a falar, e os outros animais não. Então, a ideia de um assassinato do pai primordial e de sua preservação no inconsciente como herança, é a explicação que Freud dá, de porque

nós somos aptos a nos civilizarmos.

Chegando à sua pergunta, então *o Supereu, como instância arcaica, é esse dispositivo primitivo que é excessivo. Ele precisa ser moderado, ele precisa ser suavizado. Então a função da ontogênese, na medida em que você vai atravessando as etapas de constituição da sua identidade, é tornar isso que é herdado, como ele diz em “O Eu e o Isso”: “aquilo que herdaste de seus pais, adquira-o novamente, para torná-lo seu.”* Então esse processo de adquirir novamente aquilo que você herdou, de reconquistar o que você herdou, permite suavizar, moderar, adequar, o que é herdado a um corpo específico, a uma individualidade específica, à singularidade de alguém. Então, o Supereu pode ser corretamente diferenciado em Supereu arcaico – que é isso que a gente herda – e um Supereu pós-edipiano. Um Supereu pós-edipiano atravessou a castração, a separação da instância parental, em pai e mãe, e se ressituiu então, a partir daí, como Supereu humanizado, individualizado, o Supereu de cada um.

\*\*\*

*Pergunta 4:* Teria a humanidade uma pré-disposição natural para a cultura?

*TCS:* Sim, indiscutivelmente somos completamente constituídos, do ponto de vista da nossa arquitetura cerebral, como aptos à aquisição da linguagem. Quer dizer, nos tornamos sujeito porque nos inserimos no campo da fala e da linguagem, por meio da qual nós adquirimos não apenas o conhecimento consciente que um indivíduo transmite para o outro quando ensina, quando conta histórias... Como também nós somos capazes de perceber e adquirir aquilo que o outro não diz. E esse é o campo da transmissão. [Referência à paciente que fez aquisições sem ter recordação disso.] Nem sempre é preciso que o outro diga. *A transmissão são as entrelinhas, são aquilo que você deduz. É isso que faz com que a potência da civilização repouse nesta aptidão, que é diferenciada, é de cada um, para interpretar e adquirir o equipamento civilizatório.* É por isso que, para grande parte das crianças, você não precisa explicar muita coisa – ela deduz, ela conclui, ela tira consequências. Assim como a gente vê que indivíduos cuja identidade, cuja personalidade, é obsessiva, secretamente parricida, por mais que você dê explicação, gente... Você diz “ $A + B = C$ ”, e o sujeito invariavelmente recusa, rejeita, critica, se opõe, não aceita, não se convence, e ainda é capaz de dizer que foi porque você nunca explicou, quando 99% das coisas não precisam ser explicadas. *Se o sujeito está disponível, se ele não está em oposição à civilização, à cultura, ao pai, à mãe, seja lá mais quem, ele simplesmente deduz, ele adquire, ele reconquista e torna seu o legado civilizatório.*

\*\*\*